

NA RUA SOARES NÓS VAMOS JOGAR: AS TENSÕES EM TORNO DA PRÁTICA DO FUTEBOL NAS RUAS ENTRE 1910-1919

Mayara de Araújo Silva¹

Resumo: O artigo visa analisar por meio do caso da Rua Soares, presente no jornal Gazeta de Notícias, como o futebol praticado nas ruas da cidade do Rio de Janeiro, permite refletir sobre tensões que a permeiam durante 1910-1919. O intuito é observar o quanto o esporte se relaciona diretamente com a cidade, permitindo compreender conflitos para além do campo esportivo, mas que refletem na prática quando executada em espaços públicos. O futebol nas ruas evidencia as disputas simbólicas em torno do futebol e da própria cidade, demonstrando o quanto ambos são construção de diferentes grupos sociais. Foi analisado não somente o periódico Gazeta de Notícias, mas outros impressos responsáveis por narrar reclamações sobre a prática do futebol nas ruas.

Palavras-chaves: futebol nas ruas; futebóis; cidade.

In Soares Street we are going play: the tensions surrounding the practice of soccer in the streets between 1910-1919.

Abstract: The article aims to analyze through the case of Soares Street, present in the Gazeta de Notícias newspaper, how the soccer practiced in the streets of the city of Rio de Janeiro, allows us to reflect on tensions that permeate it during 1910-1919. The intention is to observe how the sport is directly related to the city, allowing us to understand conflicts beyond the sports field, but that reflect in the practice when performed in public spaces. Soccer in the streets shows the symbolic disputes around soccer and the city itself, demonstrating how both are the construction of different social groups.

Keywords: soccer in the streets; futebóis; city.

En la calle Soares jugaremos: las tensiones en torno a la práctica del fútbol en la calle entre 1910-1919.

Resumen: El artículo analiza a través del caso de la calle Soares, presente en el periódico Gazeta de Notícias, cómo el fútbol practicado en las calles de la ciudad de Río de Janeiro, permite reflexionar sobre las tensiones que la impregnan durante 1910-1919. La intención es observar cómo el deporte se relaciona directamente con la ciudad, permitiendo entender los conflictos más allá del campo deportivo, pero que se reflejan en la práctica cuando se realiza en espacios públicos. Fútbol en las calles muestra las disputas simbólicas en torno al fútbol y a la propia ciudad. Analizamos no sólo el periódico Gazeta de Notícias, sino también otros medios impresos responsables de narrar las quejas sobre la práctica del fútbol en las calles.

Palabras clave: fútbol en la calle, futebóis, ciudad.

¹ Graduada em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Mestranda na mesma instituição, UFRRJ. Email:mayeaaujo@live.com, Rio de Janeiro, Brasil.

Introdução

O futebol, ao ser praticado fora dos ambientes apropriados, colocou em xeque o modelo de sociedade defendido pelas elites cariocas no início do século XX. Pois, passou a aglomerar nas ruas indivíduos pertencentes, principalmente, as camadas populares. A prática se tornou responsável por promover à desordem, segundo narrativas presentes em alguns impressos. Assim como, o jogo do bicho, a capoeira e outras práticas passam a ser perseguidas e proibidas (JESUS, 1999, p. 10), o futebol também se tornou alvo das autoridades policiais, tendo a imprensa como a principal fomentadora desta perseguição. Os aspectos positivos do esporte, àquilo que seria o “verdadeiro futebol”, passaram a ser atribuídos aos grandes clubes da cidade, reiterando por meio do discurso, que a prática do esporte deveria se restringir às elites da cidade.

O jogo ao ser executado nos espaços públicos, passa a dialogar diretamente com a cidade, permitindo refletir não apenas sobre o processo de popularização do esporte e as diferentes formas pelas quais o jogo irá ser apropriado, tendo seus sentidos ressignificados o tempo todo. Mas também, a respeito da própria cidade que vinha passando por uma séria de transformações. O jogo evidencia o quanto o espaço urbano vinha sendo compartilhado por diferentes grupos sociais e como a percepção sobre as formas legítimas de se utilizar os espaços se contrariavam, gerando tensões.

Para a realização do artigo foi utilizado como fonte, o jornal *Gazeta de Notícias*, responsável por expor o Caso da Rua Soares. É através da reclamação exposta pelo jornal, que se busco pensar as disputas simbólicas, conceito este criado por Pierre Bourdieu (1989), em torno do futebol e da cidade do Rio de Janeiro. Observar o esporte, assim como a capital da República, sendo resultado de diferentes percepções e vivências e, não apenas fruto das elites carioca.

Na rua Soares nós vamos jogar

Em 1915, no bairro de São Cristóvão, a prática do futebol nas ruas proporcionou um caso singular, a ponto de provocar o interesse do periódico *Gazeta de Notícias*. Ao contrário das reclamações que vinham ocupando os jornais a partir de 1910, o denominado “Caso da rua Soares” pela *Gazeta*, vai dispor de quatro edições distintas, sendo narrado com dedicação. A matéria que teria sido fruto de uma queixa feita por moradores do logradouro, ao ser exposta, exprime não apenas a visão de parte dos moradores sobre o jogo. Mas o posicionamento do impreso em relação a prática e também sobre alguns indivíduos envolvidos. O grande contingente de personagens no desentendimento provocado pela prática do futebol nas ruas, assim como o interesse do jornal no conflito, é o que torna o caso diferente dos demais. A partir do “Caso da rua soares”, pretendo pensar as tensões que se desenrolaram em torno das construções de sentidos a respeito do futebol e, também, em torno do uso dos espaços.

Os sentidos em torno do jogo estão sendo disputados da mesma forma como o sentido em volta da própria capital da República. Nos periódicos, os conflitos a respeito da imagem que o futebol deveria ter, vai se apresentar de forma intensa. Pois, através das narrativas sobre a prática do futebol nas ruas, imprimiam suas percepções sobre o jogo. Normalmente, a prática exercida em espaços públicos era representada de forma negativa, sendo comparada ao futebol praticado pelos grandes clubes, com o intuito de estabelecer distinções entre os “futebóis”. Em relação ao uso das ruas, diferentes grupos se demonstravam preocupados com os sentidos em torno do espaço. Até porque, como menciona Arno Vogel (2017, p. 24) “uma rua é um universo de múltiplos eventos e relações”, não sendo apenas uma via, um caminho, mas carregada de significados para quem as conhece. A prática do lúdico nos espaços públicos, concedia novos significados ao local.

No que diz respeito ao Caso da rua Soares, houve divergências entre os próprios moradores do logradouro, que não consideravam a prática apropriada para a rua. A percepção das elites da cidade sobre o uso dos espaços, muitas vezes sendo expressas pelos jornais, definia em seus discursos quais práticas deveriam ou não ser aceitáveis. Essas percepções tornavam-se um empecilho para que as camadas populares pudessem também estabelecer à capital federal suas representações. Pois, as práticas comuns entre os menos abastados, normalmente, eram atreladas ao aspecto negativo, sendo então o oposto do progresso e da civilidade.

A primeira parte do caso foi exposta no dia 5 de março de 1915 e ocupou a segunda página do jornal. Ao contrário dos outros episódios envolvendo o conflito, expostas posteriormente, a primeira foi exibida de forma contida pelo imprenso, se confundindo com outras notícias, não possuindo ainda a chamada “O Caso da rua Soares”. Contudo, a matéria foi iniciada enfatizando a prática do futebol nas ruas como sendo um problema recorrente na cidade, a ponto de “chover reclamações”. O futebol praticado na rua Soares, vinha sendo manifestado em diferentes regiões da cidade, o que demonstrava o quanto o jogo havia caído nas graças das camadas populares.

A praticidade em torno do jogar futebol, pode ser um dos fatores responsáveis pelo seu processo de popularização, algo que Glaucio Souza pontua (2015, p. 1). Logo, foi dentro da simplicidade do futebol, que o Rio de Janeiro vivenciou um processo de popularização do esporte não apenas na esfera dos clubes e associações, mas também nas ruas, vias públicas, causando danos em propriedades e a inquietação de muitos moradores que passaram a dividir o mesmo ambiente com a recente modalidade.

O “foot-ball” nas ruas. E o abuso continua. As reclamações chovem de todos os lados. Agora chega-nos uma que merece a máxima atenção da policia, pelo numero de familias que a fazem: são todos os moradores da rua Soares, entre S. Christovão e Figueira de Mello. Acontece que naquella rua, em uma das faces, existe um terreno aberto, onde grupos de verdadeiros vagabundos se entregam ao jogo de “foot-ball”. Ora, o terreno não dá espaço para este “sport” e a rua é estreita. Dahi,

seguidamente, serem victimas da terrivel bola dos “sportmen” não só os transeuntes, como até as pessoas que estão á janella e mesmo nas salas [...] O protesto tem sido por tal forma violento e enérgico, que a policia do 10º districto, já se tem visto, por varias vezes, obrigada a prohibir o jogo².

A rua Soares, localizada na região de São Cristóvão, se encontrava de acordo com o periódico, entre a rua Figueira de Mello e a rua São Cristóvão. Entretanto, ao final da década de 1910, ela teve seu nome modificado para rua Sotero dos Reis. Antes da reclamação, é possível encontrar outras notícias envolvendo o futebol no logradouro, demonstrando que o jogo não era uma novidade, mas pelo contrário, comum. Em 1914, por exemplo, o *Navarro Foot-ball club* tinha seu *ground* localizado na rua Soares³, apesar de sua sede social ficar estabelecida na travessa Navarro, em Santa Teresa⁴. Levando em consideração que muitos clubes alugavam o campo de outras associações para disputar seus jogos, é possível identificar outros times que também utilizavam a rua Soares. Dentre eles, os clubes *3 de Maio* e *Minerva Foot-ball Club* disputam um *match* no dia 3 de maio de 1914, no até então campo do *Navarro FC*⁵.

Além dos clubes, ligas também utilizavam o campo na rua Soares para realizar os jogos dos times filiados, como o Torneio Carioca de Sports Athleticos, Associação Carioca de Football e a Associação Brasileira de Sports Athleticos. A própria Liga Suburbana de Football passa a ter relação com o logradouro, quando o clube Aventureiro FC passa a integrá-la em 1917⁶. De forma semelhante, o Torneio Carioca passou a ter o Aventureiro FC como filiado, em 1915, clube este que passou a ocupar o *ground* da rua Soares. O Aventureiro Football Club é importante aqui, pois é o principal alvo das reclamações expostas na *Gazeta de Notícias*. Apesar das queixas serem claras ao se referir ao jogo do futebol nas ruas, no final da narrativa a respeito da prática, fica claro que na realidade, era um clube com licença que usufruía do espaço ali localizado.

[...] Mas os jogadores burlam as ordens da policia e, agora, para se garantirem da sua acção, acabam de dirigir uma petição ao chefe de policia, para que ninguem os vá perturbar na sua diversão, muito embora os demais continuem importunados e se repitam os casos da bola ir pisar as crianças que por ali brincam. Não. O Sr. Chefe de policia, conscienciosos como é, não vai deferir assim essa petição. O seu indeferimento é certo, uma vez que toda e qualquer averiguação que se fizer determinará a inconveniencia dessa licença. Não somos, contra o “foot-ball”. E’ bem natural que sejamos mesmo pelo util “sport”. Assim tambem o Sr. Chefe. O que nós, porém, não podemos, nem o Dr. Aurelino Leal, é permitir as inconveniencias que advem desse “sport” quando jogado em logares improprios. Não há duvida, a

² Gazeta de Notícias, 1915, 00090

³ O Imparcial, 1914, ed. 00489.

⁴ O Imparcial, 1914, ed.00422.

⁵ O Imparcial, 1914, ed. 00489.

⁶ Gazeta de Notícias, 1917, ed.00111.

policia precisa e deve evitar o “foot-ball” nas ruas. E sendo assim, confiamos na sua acção, para que acabe quanto antes com esse facto que se está passando na rua Soares. E’ uma reclamação justa⁷.

A sequência do Caso da rua Soares, possibilita observar como os termos vadios e vagabundos colaboravam para a perseguição ao jogo. O uso de “vagabundos” para se referir aos jogadores, relaciona-se com o universo ideológico da elite brasileira, que estabelece dois mundos opostos: “de um lado, há o mundo do trabalho; do outro há o da ociosidade e do crime” (CHALHOUN, 2012, p. 78). A nova ética capitalista tornou o trabalho imbuído de valores morais, não o ter, significava que o indivíduo estaria entregue a criminalidade, principalmente, se este fosse pobre. As elites tinham o pleno acesso ao lazer, sem que fossem estigmatizadas como “vadios” ou “ociosos”, pois sua condição social privilegiada, era suficiente para exemplificar seu gosto pelo trabalho. Essa ideologia sustentou a perseguição às práticas populares, que por serem tidas como perigosas, passaram a requerer maior atenção. Por consequência, a presença de expressões como essas para referir-se aos indivíduos pobres demonstrava a atuação da ideologia elitista. Que permeou a sociedade, sendo inclusive, utilizada em dados momentos pelos menos abastados, com o intuito de se defenderem das investidas das autoridades policiais.

Além dos termos, o discurso sutil do próprio jornal permitia que o significado do jogo fosse alterado. Ao utilizarem a palavra *football* entre aspas, o jornalista já aparentava tentar estabelecer uma distinção do esporte praticado nas ruas com o jogado pelos principais clubes na cidade. As terminologias inglesas haviam se tornado comum no que se refere aos esportes praticados na cidade. Observando as edições da *Gazeta de Notícias*, no ano em que o conflito na rua Soares é retratado, são raros os momentos em que o termo *football* ou *sportmen*, são empregados sob uso de aspas. Até mesmo, porque manter e enfatizar o termo *football*, assim como outros utilizados para se referir a elementos do jogo - *hands*, *penalty*, *off-side* e *kick-off* – ajudavam a destacar a diferença entre homens que compunham os clubes esportivos e os que se viam impedidos de usufruírem desses ambientes. Como menciona Leonardo Miranda Pereira (2000, p. 31), os termos estrangeiros tornaram-se uma terminologia peculiar aos *sportmen*. Funcionavam como um fator de distinção social.

De forma discreta, o jornal deslegitima tal prática, considerando-a distinta da praticada pelos clubes. Ao seguir esta linha, pretendia-se não desaprovar o recente esporte bretão, visto como útil, mas sim quem insistia em desvirtuá-lo. O futebol ao contrário de outras modalidades, estaria se estabelecendo como prática estimada entre os mais abastados e os populares, logo, taxar a prática, seria torna-la infundada também entre a alta sociedade. Os discursos contrários de jornalistas ao jogo nas ruas, não significava a falta de apreço pelo esporte, mas sim, pela sua popularização, que retirava seu caráter distinto. Henrique Sena Santos

⁷ *Gazeta de Notícias*, 1915, ed. 00090

em seu artigo sobre a prática do futebol nas ruas de Salvador, pontua as constantes tentativas dos jornais em comparar e distinguir o futebol “saudável”, praticado dentro das normas pelos grandes clubes, e o “nocivo”, executado pela malta de “vadios e desordeiros” (2012, p. 16).

Esta distinção estabelecida pela *Gazeta de Notícias*, apresenta-se de forma clara em praticamente todas as queixas relacionadas ao jogo. É como Henrique Santos enfatiza, os periódicos pretendiam construir a partir do discurso dois tipos de futebol, um “mau” e outro “bom” (2012, p. 16). O empenho em coibir a prática e estabelecer sentidos contrários para uma mesma modalidade, demonstra a força social do jogo já em 1910-1919, a ponto de se fazer necessário buscar novos meios para impedir ainda mais a difusão do “distinto” esporte. O futebol se firma entre as camadas populares, atraindo trabalhadores, além de meninos, que insistem em praticar o jogo nos espaços públicos, mediante a ausência de locais considerados apropriados. É possível observar o desporto dentro da ótica de Bordieu (1983, p. 187), que o enxerga como um campo. O conflito se apresentaria a partir da busca pelo “monopólio da imposição da definição legítima da prática desportiva e da função legítima” (1983, p. 189).

Ou seja, acompanhando a introdução do esporte, está em jogo as determinações sobre o uso legítimo do corpo, o conjunto de regras que acompanham as modalidades e todo o ideal moral atribuído. Entretanto, estas implicações que são atribuídas ao futebol, se veem ameaçadas, sendo possível identificar estas disputas em torno do significado e definição de uma mesma prática. Neste ambiente de oposições, a imprensa se estabelece como crucial na reafirmação de moldes para o que seria o “verdadeiro futebol”. Os esforços em atribuir estigmas envolviam tanto o futebol praticado por clubes menos abastados, que também sofriam com os estigmas construídos pela imprensa, como no que se referia à prática nas ruas. No entanto, era o jogo nas ruas que presenciava as maiores hostilidades, pois se afastava mais da “essência” do “verdadeiro futebol”.

É necessário enfatizar que o futebol abarcado pelo adjetivo “verdadeiro”, ainda que subjetivo, costumava estar associado ao praticado pelos grandes clubes da cidade. Em uma informação exposta no *Correio da Manhã*, a respeito de um campeonato organizado em Buenos Aires, em 1916, aonde jogadores brasileiros competiram com *sportman* sul-americanos. O jornalista utiliza o termo “verdadeiro” acompanhado de outros adjetivos como lisura, delicadeza e lealdade⁸. Vê-se que o “verdadeiro futebol” pouco se relaciona com técnica ou qualidade do *match* disputado, mas com o comportamento dos *players* durante a partida. Observa-se a semelhança quando o mesmo jornal, expôs a resposta de um leitor a uma crítica feita a jogadores do Inhaumense F. Club. Na carta enviada e publicada pelo periódico, o leitor Augusto Araujo Silva responsável por redigi-la, critica a generalização que haviam feito. De acordo com o que é apresentado na carta, os jogadores do Inhaumense F.C não demonstravam ser conhecedores do “verdadeiro futebol”.

⁸Correio da Manhã, 1916, 06354.

Jornalistas e cronistas demonstravam ter grande responsabilidade na construção da “bela imagem” do futebol na cidade, assim como na representação negativa do esporte praticado pelos menos abastados. Os jornais se apropriavam das queixas em torno do futebol, devido aos incômodos que a prática proporcionava aos moradores de diferentes regiões na cidade, e punha sua própria interpretação sobre os casos envolvendo o jogo. Logo, a percepção sobre a prática vinha se construindo de formas diversas, pois os habitantes que estavam vivenciando a experiência da popularização do esporte na cidade, também se demonstravam incomodados com a maneira em que as ruas e vias públicas estavam sendo usufruídas. Logo, quanto mais se aprofunda o olhar sobre o futebol, ou melhor, sobre os “futebóis”, mais se percebe suas nuances, tanto na forma de jogar, como no controle que se estabelece sobre ele. A partir da crônica escrita por Coelho Netto no periódico *A Noite*, em 1919, é possível observar essas ambiguidades referentes ao esporte.

[...] Quem assistiu aos dois grandiosos certames realizados no Estadio do Fluminense, com a collina ao fundo, em acropole, e mais de trinta mil pessoas emoldurando, em circulo de entusiasmo, os torneios, compreendeu as vantagens que resultam para as nações de taes festas agonisticas, que recordam pela beleza enérgica, as olympiadas helênicas. Fortalecendo o mancebo, adestrando-o, estimulando-o na arena, ao ar livre e na piscina, na arneteuria, taes exercícios attrahem ao premio de uma victoria pacifica os homens do continente, chamando-o desde a vizinhança dos polos e d’alem Andes[...]⁹

A citação é parte da crônica intitulada *O Campeonato*, exaltando o esporte e os efeitos que o *football* geraria entre os jovens praticantes. Na realidade, observa-se uma defesa das atividades físicas, sendo o futebol protagonista, para que pudesse ocorrer um desenvolvimento dos homens. Tal defesa, é uma das alegações utilizadas para que o esporte se tornasse mais uma modalidade aceita e praticada entre os jovens da elite. A partir de 1918, o escritor Coelho Netto torna-se um colaborador do jornal *A Noite (RJ)*, sendo responsável por escrever crônicas, juntamente, com outros intelectuais, todas as quintas-feiras. Sua aproximação com o ambiente esportivo, é o que torna o futebol assunto principal de sua crônica, intitulada *O Campeonato* e exposta na primeira página do impresso. Assim, os benefícios que o *football* seria capaz de proporcionar entre a juventude e o belo *match* envolvendo um grande clube carioca, tornam-se o foco do escrito.

No entanto, o que chama atenção não é a crônica em si, pois como já expressado, Coelho Netto se apresentava como um admirador do esporte. Mas bem ao lado, encontrava-se uma coluna intitulada *Contra o football na via pública*, com letras garrafais e na primeira página, parabenizando um delegado da polícia por haver criado um decreto que proibia o futebol nas ruas¹⁰. Ter uma manchete como esta, ocupando a

⁹ *A Noite (RJ)*, 1919, ed.02664, p.1.

¹⁰ *Jornal A Noite (RJ)*, 1919, ed.02664, p.1.

primeira página, próxima a uma crônica que exaltava as belezas do esporte, demonstra como o jornal estabelecia fortes distinções. Percebe-se que ao abordar uma mesma prática de forma distinta, havia uma clara percepção do que deveria ser considerado aceito ou não, qual *football* seria bom e qual precisaria ser interpretado como um problema. Na queixa ao lado da crônica é possível ter a compreensão do tamanho incômodo que o jogo vinha causando na cidade, não restringindo-se aos subúrbios, mas sendo praticados também em bairros como Laranjeiras.

(...) Sob a direção do fiscal Herminio Silva é constituída nesta data uma turma de guardas civis para o serviço especial de repressão do denominado jogo de “football” na via publica. Aos rondantes, recommendo secundarem os esforços da referia turma, não tolerando a prática desse jogo nos seus postos ou immediações, cabendo-lhes apprehender os petrechos do mesmo jogo e remettel-os á delegacia respectiva, bem assim os jogadores recalcitrantes. Pede-se ao publico colaborar nesse serviço, organizado em seu proveito, bastando para isso communicar á Inspectoria da Guarda, pelo telephone Central 248, o logar onde os vadios exercitem o citado jogo, perturbando o socego das famílias e o livre transito das ruas.¹¹

A reclamação acima, expõe a prática do futebol em espaços públicos, como algo que vinha ocorrendo diariamente. O jogo exercido em local inapropriado, era culpado de gerar a desordem, pois quebrava vidraças e levava risco aos moradores. O desprazer que o jogo estava gerando, suscitou na criação de uma ordem por parte do Sr. major Carlos Reis, contra a prática. Ao contrário da maior parte das narrativas contrárias ao jogo, nesta é possível observar uma postura atuante da polícia, o que levou o periódico a parabenizar o então major. Entretanto, a presença de um tema em comum, mas tratado de forma diferente, como é o caso do futebol, na mesma página do jornal, exhibe o fato do próprio impresso não considerar o jogo praticado nas ruas, como sendo futebol.

Essa distinção permitia que a repressão ao esporte não causasse estranhamento, pois o jogo praticado por indivíduos “vagabundos” e “ociosos”, não era reconhecido como sendo o mesmo futebol praticado pelo *Fluminense*, time destaque na crônica de Coelho Netto. Ou seja, o jogo seria claramente mais um fator de hierarquização de uma sociedade amplamente desigual. É o que, inclusive, a *Revista Contemporânea (RJ)* aborda em uma das suas páginas, sobre a ambiguidade do *A Noite (RJ)*. É importante destacar que no acervo digital, a coluna mencionada abaixo data o ano de 1918, entretanto, foi produzida em 1919, mesmo ano em que a crônica criticada é produzida.

(...) O ‘footballer’ ou é excellente, dyonisico e appolineo, como afirma o sr. Coelho Netto, ou é perigoso á ordem e á sociedade, como quer o sr. Carlos Reis. Onde a razão, se o jornal a dá, simultaneamente, aos dois? Por que glorifical-o de um lado e prohibil-o do outro? Porque os moleques não têm os seus chronistas officiaes como a Liga Metropolitana, não dispõem de ‘grounds e são obrigados, por isso a jogar em

¹¹ A Noite (RJ), 1919, ed.02664.

plena rua, sem ‘torcedores’ para applaudir e sem reporters para lhes registrarem as victorias. Jogam com uma bola de molambos, em falta de um balão ypeumatico, mas assim mesmo são respeitáveis e devem ser respeitados na liberdade de exercer seu ‘sport’ predilecto (...) ¹².

O trecho acima é parte de uma ampla coluna a respeito do decreto apontado pelo jornal *A Noite*, ao qual havia sido elaborado pelo delegado sr. Carlos Reis. O então chefe da Guarda Civil, antes de assumir a guarda, cumpria a função de assistente do então chefe de Polícia, o dr. Aurelino Leal ¹³. Uma de suas incumbências estava relacionada a campanha contra “ladroagem, os desordeiros, falsos mendigos e espeluncas” ¹⁴, ou seja, o chefe da polícia se apresentava como importante na moralização dos indivíduos segundo à elite carioca. O sr. Carlos Reis junto ao sr. Aurelino Leal, vinham percorrendo as ruas da cidade com o objetivo de observar o seu policiamento ¹⁵. Além disto, alguns periódicos apontavam para o excesso do major, no que diz respeito ao trato com a população. O periódico *Correio da Manhã*, menciona ser procurado por várias pessoas que buscavam se queixar das violências ordenadas pelo sr. Carlos Reis, isto na Avenida Central ¹⁶.

O proceder das autoridades se apresentavam como contraditórias em diferentes momentos, até porque, muitas destes homens responsáveis por policiar a cidade representavam o interesse de figuras políticas. A violência policial costumava recair sobre as camadas populares e suas práticas. Em 1917, a *Gazeta de Notícias* expõe a ideia levantada pelo major Carlos Reis e reiterada pelo seu chefe Aurelino Leal, de organizar um grupo de policiais para combater os “amigos dos alheios”, indivíduos que praticavam crimes na zona suburbana ¹⁷. No entanto, o periódico manifesta críticas utilizando como exemplo um episódio anterior a este, que pouco resultado obteve, tendo apenas gerado “as mais clamorosas violências”. O periódico ressalta que “os xadrezes, principalmente o do 4º districto, ficaram repletos de gente trabalhadora e honesta, enquanto os ladrões, os caftens e os assassinos, viviam à solta, alguns até auxiliando o chefe da turma”, ou seja, a polícia ¹⁸.

Como já mencionado, a repressão se apresentava de forma intensa contra os indivíduos das camadas populares. Por isso, a perseguição ao jogo nas ruas se apresenta como mais uma forma de cercar os indivíduos menos abastados. O futebol não era tido como o real problema pela grande imprensa e sim, os jovens e meninos que insistiam em sua prática. Mais do que a ameaça às casas, estava o sentido que a elite havia atribuído ao jogo e que vinha sendo deturpado a partir de sua rápida popularização. A *Revista Contemporânea (RJ)* teve uma curta duração na cidade do Rio de Janeiro, porém possuiu como colaboradores

¹² Revista Contemporânea (RJ), 1918, ed.00026.

¹³ Gazeta de Notícias, 1914, ed.00320.

¹⁴ Correio da Manhã, 1916, ed.06359.

¹⁵ Correio da Manhã, 1916, ed.06359.

¹⁶ Correio da Manhã, 1917, ed.06828.

¹⁷ Gazeta de Notícias, 1917, ed.00032.

¹⁸ Gazeta de Notícias, 1917, ed.00032.

importantes cronistas, dentre eles, Lima Barreto. Barreto não possuía tamanho apreço pelo esporte bretão, a ponto de fundar junto com outros literatos uma “Liga Contra o Foot-ball”, em 1919 (PEREIRA, 2000, p. 204). O literato enxergava os grandes clubes da cidade como sendo “portadores de uma pretensão absurda, de classe, de raça, etc”, ou seja, como responsáveis por perpetrar mais distinções (2000, p. 213).

Observa-se, então, como o colaborador da revista apresenta a preocupação em estabelecer uma crítica social relacionada a repressão ao jogo. Apesar da ausência do nome do autor responsável por redigir a coluna na então *Revista Contemporânea*. Existe há possibilidade de ter sido feita por Lima Barreto e, não apenas pela sua aversão ao futebol ou devido ao seu antagonismo à figura de Coelho Netto, que se colocava como um entusiasta do esporte (SANTOS, 2019, p. 8). Mas porque as crônicas de Lima, costumavam se destacar pelo teor crítico, tanto às questões políticas como sociais. Trazendo à tona assuntos envolvendo o subúrbio do Rio de Janeiro (SCHWARCZ, 2010, p. 14), lugar aonde residia e que costumava ver a grande imprensa retratar pejorativamente. Esses temas, tão tocantes a Lima Barreto, podem ser identificados nas estrofes da crítica produzida ao jornal *A Noite (RJ)*.

O autor, responsável por escrevê-la, consegue perceber na repressão da polícia e na narrativa presente no *A Noite (RJ)*, a intenção de tornar o jogo prática restrita às camadas abastada. Quando se busca apenas reprimir sem levar em consideração o direito ao lazer e à cidade, há o interesse de tornar não só o futebol, mas também de fazer da capital, monopólio das elites. Como a própria coluna da *Revista Contemporânea* evidencia, é a ausência de ambientes públicos para o lazer na cidade, que tornavam as ruas atraentes para a execução dos *matches*. À medida que as opções de lazer das elites cariocas na cidade aumentavam, as práticas populares, por não possuir lugares apropriados para exercê-las, recorriam a clandestinidade (HERSCHMANN; LERNER, 1993, p. 19).

O Caso da rua Soares demonstra a mesma tentativa em estabelecer contradições, mesmo que de forma mais sutil. Além disso, expõe de forma clara as dificuldades que tantos os periódicos como as autoridades policiais encontraram nas buscas por coibir a prática. É necessário enfatizar que, mesmo havendo um claro interesse em impor às camadas populares hábitos e valores que se enquadravam às noções de moralidade por parte de um grupo abastado. Essas investidas encontraram resistência, o que permitiu que práticas consideradas inapropriadas para uma cidade civilizada, se mantivessem no cotidiano dos populares. Sidney Chalhoub menciona o agir de alguns donos de botequins, que mediante às tentativas de controle do principal espaço de sociabilidade entre trabalhadores homens, destacou o nível de entendimento destes grupos diante da própria investida policial. Que os conduziu a combinar resistência e submissão para “obstaculizar, ou pelo menos moderar, a ação policial” (2012, p. 269-270).

Os jogadores, uma vez cassada a licença, tentam invadir a residência de uma família moradora nessa rua.

O “foot-ball” nas ruas. Há dias publicamos uma nota contra o modo por que este sport, alias utilíssimo, era cultivado entre

nós, jogado livremente por todos os recantos da cidade, nos logares os mais impróprios, com um evidente desrespeito pelas posturas municipaes.

Não somos contra tão util sport. Procuramos apenas cooperar para pôr termo a uma série de inconvenientes provindos desse jogo sportivo em logares não adequados às suas exigências como, por exemplo, o meio da rua. Citámos, então, o facto da rua Soares, onde em um pequenissimo terreno, ali existente, um grupo de vagabundos se entregava, quasi diariamente, ao jogo de “foot-ball”, provocando na rua estreitíssima uma serie de incidentes desagradabilísimos.

Houve um protesto colectivo das famílias ali moradoras – que a nossa nota registrara. Mas os jogadores conseguiram a protecção indecorosa de um deputado, que naturalmente os conta entre o numero dos seus votantes – o que. Aliás não abona muito o seu elemento eleitoral, pois são verdadeiros vagabundos, e voltaram a jogar o “foot-ball”¹⁹.

Na continuação do Caso da rua Soares, na edição do dia 5 de abril de 1915, é possível observar que o conflito ganhara um destaque maior. Ao contrário da primeira publicação, nesta o jornal preocupa-se em destacar o conflito ao dar a ele letras maiores, separando-o das demais notícias. Contudo, logo no subtítulo dado pelo jornal, os jogadores aparecem não apenas como “vagabundos”, mas são colocados também como perigosos. Com o intuito de reafirmar a importância do esporte e descaracterizar o praticado na rua Soares, mais uma vez a *Gazeta* se refere ao futebol não apenas como uma prática “útil”, mas sim “utilíssimo”. A vantagem da prática, no entanto, é deturpada quando “jogada livremente por todo recanto da cidade”. No entanto, a prática aparentava ser inoportuna não apenas para o periódico, mas também para os residentes da rua.

De acordo com o jornal, o grande número de famílias, sendo “todos moradores da rua Soares”, tornava importante uma maior atenção por parte da polícia²⁰. Logo, ainda que seja difícil definir com precisão o quanto a prática havia se tornado um estorvo para os moradores da rua, indicando o número de pessoas responsáveis por efetuarem a reclamação. É importante ressaltar que o jogo estava sendo manifestado por pessoas que também residiam no mesmo logradouro, como vai apontar a continuação do caso. Logo, o jogo de futebol nas ruas permite observar a vigência de conflitos, não apenas em torno dos sentidos do esporte, mas também do próprio uso das ruas. E, como as representações em torno do uso da cidade, não se restringia apenas às elites, pois a rua Soares aparentemente demonstrava ser ocupada por camadas menos abastadas, mas que talvez se destacassem por possuir um pouco de privilégios em detrimento de outros indivíduos.

Assim como o caso da rua Soares, a prática do futebol na rua da Alfândega, exposta pelo *Correio da Manhã*, em 1916²¹, também expõe um conflito em torno do uso dos espaços. Em ambos, é mencionado os costumes como forma de obstaculizar a prática, colocando-a como algo

¹⁹ A *Gazeta de Notícias*, 1915, ed. 00096.

²⁰ *Gazeta de Notícias*, 1915, 00090.

²¹ *Correio da Manhã*, 1916, 06207.

que não cabia em uma cidade que vinha se modernizando. O cronista do *Correio da Manhã*, menciona que as consequências do jogo eram “quadros que não recomendam os nossos costumes, e ainda menos a nossa civilização”²². Logo, ao se dirigir à prática do futebol nas ruas, como algo contrário aos “nossos costumes”, é preciso enfatizar que estes “costumes” elucidados pelo jornal, faziam parte de condutas elaboradas por um grupo específico na sociedade, que buscavam legitimar e as naturalizar.

Levando em consideração os populares, a prática do lúdico em espaços públicos não se apresentava como algo incomum, o jogo de futebol se constituía como mais uma dentre outras práticas manifestadas nas ruas. No entanto, ao levar em consideração a prática na rua da Alfândega, atenta-se para o jogo sendo comum inclusive para aqueles indivíduos que ali moravam, aonde na realidade, não se enquadravam no perfil que o próprio periódico havia atribuído. Tendo em vista que, o próprio jornal em uma edição seguinte, esclarece que o futebol praticado na rua da Alfândega, na realidade, era exercido por meninos que residiam ali. De acordo com o periódico, o sr. Manoel Miranda Outeiro teria declarado ao jornal que a reclamação relacionada ao futebol, não tinha razão de ser, por não se tratar de “menores vagabundos e sim de alguns meninos das famílias da vizinhança”²³. O conhecimento do jornal sobre quem seriam os meninos, é suficiente para atenuar a narrativa sobre o acontecimento.

A modernidade vai fazer com que práticas antes toleráveis, destoem diante das novas orientações estabelecidas para a capital da República. Desta forma, a diversidade que constituía a cidade, torna as interpretações sobre o futebol também diversas. Outro aspecto importante é a presença do termo “desordeiro”²⁴, comum também na referência aos *players*. Durante o período republicano e o crescimento das áreas urbanas, a “ordem” tornou-se tema recorrente e importante entre as elites locais, difundindo-se inclusive, para outras camadas sociais. Na realidade, o aumento das cidades durante o século XVIII, em países europeus, e o processo de industrialização, alterando o cotidiano dos homens, torna o ordenamento urbano tema importante para a burguesia. Como menciona Robert Storch (1985, p. 9), sobre o policiamento na Era Vitoriana, a polícia foi projetada como um instrumento da disciplina urbana. E o interessante, é que o foco principal da polícia, como destaca o autor, não era a criminalidade, mas sim as antigas práticas populares (1985, p. 9). É necessário levar em consideração que o papel da polícia no Rio de Janeiro, segue lógica semelhante à da polícia nas principais metrópoles europeias.

A ausência do termo “desordeiros” nas reclamações envolvendo a rua Soares, não significa que este aspecto da “ordem” não seja considerado. Pois, como menciona Gizlene Neder, as fronteiras entre “ordem” e “desordem”, haviam ganhado espaço no imaginário social e político (1997, p. 9). Portanto, os “incidentes desagradabilíssimos”

²² Correio da Manhã, 1916, ed.06207.

²³ Correio da Manhã, 1916, ed.06208.

²⁴ Correio da Manhã, 1916, ed.06207.

colocados pelo periódico, apresentava uma perturbação no ordenamento do local, gerando a necessidade de recorrer às autoridades policiais. No entanto, as motivações em torno do futebol na rua Soares, parecem ser distintas. Para os moradores, o que aparenta estar em jogo é a forma como a rua vinha sendo utilizada. De fato, a prática ali deveria proporcionar incômodos, principalmente, levando em consideração a infraestrutura da rua, como destaca alguns jornais. Ou seja, havia um conflito se o terreno era ou não próprio para o jogo. Enquanto que, para àqueles que não apreciavam a prática, o futebol se apresentou como um problema. Já para os residentes que estimavam o jogo a ponto de executá-lo, a rua se apresentava como um lugar adequado a ponto de fundarem ali um clube.

Em contrapartida, o interesse do periódico sobre o caso aparenta estar relacionado a dois aspectos importantes. Primeiro, os sentidos em torno do próprio futebol, que estaria em disputa através da popularização do esporte e sua execução que se estendia pelas mais diversas regiões. E, em segundo, o envolvimento de um deputado com os *players*, que se apresentou como um fator importante de reação diante às investidas ao jogo. A política aqui, oferece aos jogadores alternativas de manter a prática na rua mesmo com os esforços de coibi-la, pois além de deputado, o sr. Nicanor do Nascimento também era advogado. Ou seja, a falta de temor por parte dos jogadores, de acordo com o jornal, estaria relacionada com a aproximação destes com o deputado. Havia nesta relação uma troca de favores, o lazer encontrava-se preservado, assim como o eleitorado do então deputado, de acordo com o periódico.

Pensando nos jogadores, é importante observar os recursos utilizados para manter o direito em executar a prática na rua. Os diversos empecilhos empregues em torno do futebol, não impossibilitaram que este chegasse entre os menos abastados, e tão pouco, impediu que alcançasse as ruas. A repressão que se estende às práticas populares, como há exemplo do jogo do bicho, da capoeira e do entrudo, sustentada por diferentes discursos. Dentre eles, o de que negros e pobres não seriam desenvolvidos moralmente para usufruir das mesmas regalias que os mais privilegiados (PEREIRA, 2000, p. 105). Fazendo-se necessário haver controle em suas práticas, pois o lúdico não deveria agir apenas como prazer, mas prepará-los para o trabalho e produção (MAGALHÃES, 2005, p. 41). Não foi capaz de interromper o uso dos espaços públicos para a manifestação do lazer. A postura dos jogadores da rua Soares, só evidencia o quanto esses indivíduos estão participando da construção da cidade e, a importância que o esporte estava adquirindo na cidade. Pois, mesmo que houvesse um código de posturas estabelecido que pretendia cercear suas tradições, as camadas populares dentro das possibilidades as mantinham.

Na rua Soares, a partir da revista *A Rua: Seminário Ilustrado*, é possível observar como o futebol não se apresentava como a única diversão dos moradores do logradouro. Outras práticas se apresentavam como problemáticas, pois reunia um grupo de “vagabundos e desocupados”, como explicita o impresso. Na notícia exposta, em 1914, seria o sr. Durval Pereira da Vilva, o responsável por queixar-se de

homens jogando o “monte” e o “sete meio”, duas práticas relacionadas a jogos de azar²⁵. Aqui, de acordo com o periódico, o delegado Sr. Cide Braune não se demonstrava importar com as práticas. Ou seja, a rua Soares se apresenta como um importante espaço de sociabilidade para parte dos moradores. É possível observar que não havia um consenso entre os seus residentes sobre como os espaços deviam ser partilhados. No entanto, se os jogos de azar incomodavam, pois reunia um grupo de populares, quem dirá o futebol. Esporte esse em que carecia de um grande contingente de jogadores.

Generalizada, como está, no Rio, mania do foot-ball, emquanto as mocinhas por toda a parte torcem, para melhor se habituarem torcer á hora do match, a petizada vai se exercitando com o jogo da bola, por toda a parte. Rara é a rua que não tenha o seu grupo de jogadores de foot-ball, a despeito das ordens severas da policia. Ainda hontem, na rua Capitão Salomão, em Botafogo, um grupo de rapazes jogava o foot-ball, quando se aproximava, a pedalar, numa bicycleta o fiscal da guarda civil Luiz de Oliveira, que reparando no grupo, procurou debandar os rapazes, fugindo quasi todos. Mas o menor Ulysses Vianna, de 13 annos, residente á rua Visconde de Caravellas n.89, entendeu desobedecer á ordem, sendo, então, perseguido pelo fiscal da guarda civil. Munidos de uma pedra, Ulysses alvejou o fiscal, motivando a queda do policial, abaixo de sua bicycleta. Com o tombo, o fiscal se feriu bastante, e Ulysses, aproveitando a circumstancia, fugiu [...]²⁶

Se, na rua Soares os jogadores utilizaram a relação de proximidade com o sr. Nicanor do Nascimento. Em Botafogo, o menor Ulysses Vianna reage utilizando-se de um recurso violento, como retrata alguns periódicos. É importante observar o envolvimento que se estabelece de crianças com a prática do futebol nas ruas, levando-as também a resistir às investidas policiais. Entretanto, é importante ponderar o termo “resistência”, que de acordo com Victor Andrade de Mello, é usado com frequência em paralelo com temas relacionados ao lazer. Quando não este, costuma-se pontuar a dominação atrelada às manifestações culturais ou de massa. O futebol não se desvincula deste princípio, é normalmente pensado a partir do ponto da dominação ou alienação das camadas populares. Para o autor, é importante pensar que na experiência cultural a resistência e contrarresistência, caminham sempre de forma conjunta (2003, p. 55).

No entanto, faz-se necessário refletir sobre resistência não apenas com um teor político, ainda que, o ato de resistir em si o seja, mas como um ato com certo grau de irracionalidade. Principalmente, quando se pensa na prática do futebol nas ruas comum também às crianças. Há probabilidade de que muitos dos meninos que o praticavam, mesmo em meio ao controle e perseguição, não tivessem total compreensão de suas ações. De que ao insistir estaria contribuindo não só para popularização do esporte, mas também modificando a forma de se enxergar a prática e

²⁵ A Rua: Semanário Ilustrado, 1914, ed.00240.

²⁶ O Paiz, 1919, 12853.

o uso dos espaços. No caso da rua Soares, a maior parte dos envolvidos aparentam ser maiores, de acordo com o discurso, ou seja, adultos. No entanto, em grande parte das reclamações envolvendo a prática do futebol pelas ruas da cidade, são os “moleques vadios” ou “menores vagabundos” que aparecem como sendo os motivadores da desordem.

A reação do jovem pode ser entendida, a partir das ações que o fiscal Luiz de Oliveira vinha desempenhando contra a prática do jogo no bairro de Botafogo. No jornal *O Imparcial*, na coluna referente as ações da guarda civil na cidade, o então fiscal teria apreendido duas bolas de borracha, nas ruas Fernandes Guimarães e Oliveira Fausto, aonde “diversos menores se divertiam em jogar football”²⁷. A apreensão ocorrida deu-se quatro meses antes do incidente da pedrada, mas ajuda a considerar a provável inquietação que havia entre os meninos que insistiam em jogar bola nas ruas do bairro. Entretanto, o futebol como lazer havia se estabelecido a tal ponto, que levou os jogadores a reagirem às diferentes tentativas de cercear o jogo. Seja a partir da apreensão de bolas, tachando o jogo como uma prática danosa e incivilizada ou estabelecendo um “serviço especial para a repressão do denominado jogo de football”²⁸.

A ação dos rapazes envolvidos com o jogo na rua Soares, foi mais uma forma encontrada de burlar não apenas a investida da polícia, mas também a dos moradores e do próprio periódico. O jornalista, ao relatar o caso, menciona que a licença havia sido cassada. Logo, se existia licença é porque a prática não era tão incorreta assim. Na realidade, a informação de que havia licença, demonstrava que o jogo era praticado por um clube e não jogado arbitrariamente nas ruas. Para se obter licença, era necessário que o clube obtivesse autorização da Secretaria de Polícia do Distrito Federal e seguisse os critérios definidos pelo chefe de polícia e não eram critérios de fácil aplicação. Em uma sociedade marcada pela desigualdade racial, assim como econômica, é possível induzir uma dificuldade maior por parte de clubes suburbanos em obter autorização para seu funcionamento, do que àqueles frequentados pela alta sociedade.

Nei Santos Junior, por exemplo, em seu estudo a respeito do lazer no subúrbio, e focando principalmente, em clubes carnavalescos, observa um maior rigor por parte do chefe de polícia aos clubes menores, pois seriam estes que vinham crescendo e se espalhando pela sociedade (2017, p. 140). Além disso, havia todo o estigma que acompanhava os indivíduos que frequentavam estes ambientes, sendo vistos como violentos e mais propensos ao vício do jogo. Logo, ambientes voltados para os populares, recebiam uma maior atenção por parte das autoridades, ficando estes suscetíveis a perder sua licença a qualquer momento. Observa-se a partir do caso da rua Soares, como o futebol praticado por esses clubes pequenos viviam sobre hostilidades, sobre uma linha tênue entre o futebol admitido e o inaceitável. Qualquer atitude considerada como inapropriada e que fugisse do que era

²⁷ *O Imparcial*, 1919, A01348

²⁸ *A Noite*, 1919,

considerado moralmente aceitável, tornava o futebol praticado pelo clube suburbano, semelhante ao jogado nas ruas da cidade.

Então, os moradores da rua Soares, fizeram sentir pessoalmente ao Dr. Osorio de Almeida, activo 2º delegado auxiliar, a inconveniencia da continuação deste abuso. Hontem, felizmente, o Dr. Osorio de Almeida, compreendendo quanto era justa a reclamação, cassou a licença que dera para o jogo ali. Deu-se, então, um facto, desagradável: os jogadores pretenderam invadir a residencia de um dos moradores, que, certo, foi o que mais se esforçara para pôr termo ao abuso praticado na rua Soares, pela tal malta de vagabundos. Felizmente, no momento, o comissário Democrito providenciou cabalmente, evitando, assim, maiores desatinos da parte dos assaltantes. Diante disso, á policia cabe tomar providencias enérgicas contra esse inqualificável procedimento dos desclassificados, que vendo-se tolhidos de continuar um jogo que evidentemente constituia um desrespeito ás posturas municipaes, tentam, arrogantemente, tomar um desforço, assaltando a residência de uma família cujo chefe procurou terminar de uma vez para sempre com um costume que, dia a dia, ia ameaçando tornar-se um perigo, pelo pouco caso que os jogadores de “foot-ball”, da rua Soares, ligavam ás mais justas reclamações dos seus moradores²⁹.

De acordo com a *Gazeta de Notícias*, a aproximação dos jogadores com o deputado não teria sido a única ação dos jogadores frente à ofensiva da policia e dos moradores. A partir da narrativa exposta pelo jornal, os *players* também usufruíram da violência com o intuito de reagir aos moradores responsáveis por manifestarem as queixas. Até o presente momento, não é possível discernir em que parte do discurso do jornal há excessos ou não, coincidem de fato com o que teria ocorrido na rua Soares. No entanto, a narrativa apresentava agora os jogadores não só como desordeiros, mas também violentos. Logo, o que seria apenas jogadores “vagabundos” no início do conflito, tornou-se para o periódico “assaltantes”. Os individuos que insistiam nas atividades lúdicas no espaço urbano, praticando o que seria contrário ao “lazer fino”, não precisavam de muito para se aproximar do que seria o “mau cidadão”, vistos como obstáculos para o desenvolver da nação (HERSCHMANN; LERNER, 1993, p. 25).

Sidney Chalhoub evidencia o conceito de “classes perigosas”, que estaria relacionado diretamente com a condição social (1996, p. 22). Ser pobre havia se tornado o mesmo que ser vicioso, contra o trabalho, ou seja, mais propenso ao crime. Observa-se então, que as elites intelectuais junto à imprensa, concebem dois tipos de cidadãos, um “bom” e um “mau”. O “bom cidadão”, como cita o autor, estaria relacionado ao gosto pelo trabalho, o que proporcionaria uma posição privilegiada (1996, p. 22). Ou seja, da mesma forma que a própria sociedade passa a ser classificada, com o intuito de facilitar um maior controle, estabelecendo claramente quem precisaria de uma maior atenção, o lúdico também é caracterizado. Como destaca Micael Herschmann e Kátia Lerner, se

²⁹ *Gazeta de Notícias*, 1915, 00096.

estabelece o lazer fino e o pobre, o permitido e o proibido (1993, p. 18). E a forma como essas práticas vão ser exercidas, é o que define de fato aonde elas se enquadram. Ou seja, a prática do futebol nas ruas já exprimia a que grupo esses jogadores pertenciam, tornando suficiente para caracterizá-los como um problema.

A menção ao desrespeito às posturas municipais, estaria relacionado a proibição de certas condutas no espaço urbano. Dentro do código de posturas vigente, não havia nenhuma menção a prática do futebol, no entanto, a reunião de diversos indivíduos em um mesmo espaço praticando o futebol, vinha sendo responsável por transgredir algumas regras estabelecidas. Nas posturas municipais de 1889, por exemplo, foi proibido “fazer vozerias, alaridos e dar gritos nas ruas, a não ser por motivo de necessidade indeclinável ou para chamar socorro (...)”³⁰. Em 1903, no regulamento Regulamento do Serviço Policial do Distrito Federal algumas disposições também permitem observar quais eram os critérios utilizados para a perseguição ao jogo. Ao exhibir em quais casos o guarda civil deveria conduzir os indivíduos à delegacia, menciona-se “os que estiverem a jogar em qualquer lugar público ou considerado como tal”³¹.

Ao mencionar o ato de “jogar em qualquer lugar publico”, mesmo havendo uma correlação quase que direta com jogos de azar e o entrudo, práticas criminalizadas em 1890. Se abre a possibilidade para que outras atividades lúdicas exibidas nos espaços públicos, também pudessem ser coibidas em certa medida. Além disso, a preocupação com as “vozerias” destacada pelo código de posturas³², também permitia sua utilização como critério para impedir o futebol. Ao contrário de outras práticas lúdicas, que podiam ser praticadas com um número reduzido de pessoas. O futebol passou a reunir em um mesmo espaço vários homens e meninos.

Por consequência, durante os momentos de euforia da prática, podia motivar não apenas gritos e a menção de palavras “obscenas”, como destacam alguns jornais. Mas também de atos violentos, seja como consequência do jogo ou como reação a interferências externas, como ocorreu no caso do jovem Ulysses Vianna³³. Ou seja, essa forma de se praticar o jogo, vinha aplicando uma nova forma de se exercer o futebol. O esporte nas ruas, o futebol exercido pelas camadas populares, fora dos ambientes privados, ainda que submetidos às regras básicas do esporte, não possuíam obrigação de colocar em prática o tal *fair play*, se é que os meninos acostumados a jogar, sabiam o significado de tal termo inglês.

Ao ignorar regras importadas pelos principais clubes da cidade e estabelecidas como importantes, o futebol nas ruas tornou-se um problema para o ordenamento da cidade. O jogo passou a evidenciar tanto os indivíduos considerados “indesejáveis”, assim como práticas e atitudes tidas como impróprias. Insistir em uma prática que vinha despertando atenção das autoridades e da imprensa, demonstra a força

³⁰ Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, BR RJAGCRJ.CM.POM.3.4.004.

³¹ Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

³² Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, BR RJAGCRJ.CM.POM.3.4.004.

³³ O Paiz, 1919, 12853.

social que o futebol estava adquirindo em diferentes regiões da cidade. O futebol nas ruas não se desenrolava apenas no subúrbio da cidade, mas como já destacado, foi motivo de reclamação também no centro da cidade, assim como em bairros que, ao longo do século XX, vão aos poucos se destacando pela condição social privilegiada de seus moradores.

O Dr. chefe de polícia, por acto de 12 do corrente, resolveu suspender por 5 dias o commissario Eduardo Rocha, do 10° districto policial, removendo-o ainda deste districto para o 17°. Este acto prende-se diretamente no caso do “foot-ball”, jogado á rua Soares, com protesto dos moradores e do qual tratamos aqui detalhadamente. Mas envolve este acto uma flagrante injustiça que nos admira tenha partido diretamente do Dr. Aurelino Leal, tão criterioso na sua maneira de agir, sem que houvesse feito um inquérito e sem que fosse mesmo ouvido o delegado. Tanto mais que correm ainda notas que o commissario Rocha agiu como particular, no caso que vamos relembrar, para que o Dr. chefe de Policia sinta bem o modo inesperado por que agiu. Certo, o commissario Rocha, diante do assalto, por uma horda de desocupados, á residência de seu pai, coronel Joaquim Rocha, não podia ser indiferente ao violento acto dos “foot-ballers”. E, depois, não foi o commissario Rocha quem invadiu a casa do numero 50, e sim seu collega Democrito (...)³⁴.

Na continuação do caso, exposta na edição de 14 de abril, é possível observar o grande número de personagens envolvidos no conflito na rua Soares. Além dos jogadores, há uma grande participação de policiais, que de acordo com o jornal, também residiam na rua. Um dos principais reclamantes sobre a prática do futebol nas ruas, como vai destacar o periódico, era o coronel Joaquim Rocha, indivíduo que teria sofrido não apenas a invasão da sua residência, como atos violentos. Nesta narrativa da *Gazeta de Notícias*, o jornal deixa claro a sua posição em relação à prática do futebol nas ruas, sua percepção a respeito dos jogadores e do advogado Nicanor do Nascimento. O impresso manifesta sua insatisfação no que diz respeito à postura dos policiais, mais especificamente, ao do Dr. Aurelino Leal. O então chefe de polícia, que até o momento em questão, não havia sofrido críticas pelo jornal, tem sua ação questionada. Isso, porque o mesmo teria punido o filho do coronel Rocha, ao invés do jogador que, supostamente, teria invadido a casa de seu pai.

É possível perceber no caso da rua Soares uma constante referência a figura do chefe de polícia dr. Aurelino Leal, no entanto o responsável pelo 10° distrito era o delegado Cid Braune. Contudo, enquanto os reclamantes identificavam os jogadores como “vagabundos”, o dr. Cid Braune em 8 de abril de 1915, declarou sobre a “boa idoneidade da diretoria do Aventureiro F.C”, afirmando não haver motivos para se negar a licença ao clube. Em março de 1915 o clube havia redigido um abaixo assinado às autoridades policiais para que aprovassem o estatuto do clube, concedendo-os licença para o funcionamento no ano em questão³⁵.

³⁴ *Gazeta de Notícias*, 1915, ed.00104.

³⁵ Arquivo Nacional.

Ao que aparenta, o clube havia adquirido autorização para funcionar, contudo, a partir de reclamações a respeito do jogo na rua Soares, exposta no jornal *Gazeta de Notícias*, a licença teria sido caçada. A primeira reclamação encontrada no periódico, data de 5 de março de 1915, já o pedido redigido pelo então presidente do clube, Arnaldo Dias da Costa Villar, de 20 de março de 1915. As avaliações das autoridades, no entanto, se demonstravam contrárias a forma como o periódico vinha narrando os jogadores. Assim como dr. Cid Braune ratificou o fato de os sócios terem boa idoneidade, o inspetor Arthur ao qual se supõe ser o major Arthur Andrade, nomeado ao cargo de chefe do Corpo de Segurança Pública, descreve que o clube Aventureiro F.C era composto por empregados do comércio, tendo sido colhido boas referências, isto em 1 de abril de 1915³⁶.

Apesar de não haver críticas diretas aos jogadores por parte do delegado, o que aparentemente gerou insatisfação por parte dos moradores da rua. O dr. Cid Braune faz uma observação sobre o que precisaria ser ajustado, tentando amenizar os problemas causados pelo jogo na rua Soares. O delegado destaca o fato do campo aberto, possibilitar o “ajuntamento de desocupados”. A falta de cercamento permitia que outros indivíduos usufruíssem daquele espaço para também praticar o futebol. É provável que o jogo vinha se fazendo constante, não apenas pelo clube que estaria localizado na rua, mas por outros moradores da região que identificavam o campo como apropriado para a prática do futebol.

O próprio delegado em um relato posterior, avaliando a demarcação feita pelo clube em todo o terreno onde se fazia o jogo, realizada com dois fios de corda. Destacou a impossibilidade de se conter completamente o “ajuntamento de desocupados contra o qual se reclamava”³⁷. O dr. Cid Braune enfatiza que o agrupamento era comum em muitos outros campos de football, “na Quinta da Boa Vista, na Praça Marechal Deodoro, este, onde o jogo pode ser observado por qualquer pessoa”³⁸. Ou seja, o futebol em espaços públicos, se tornava comum não apenas na rua Soares, onde de acordo com o delegado, indivíduos se ocupavam do campo do Aventureiro para a prática. Mas em todo bairro de São Cristóvão. Logo, a pouca ação da autoridade local, que demonstrou já ter conhecimento sobre a prática do futebol na região, levou o jornal a dirigir-se ao sr. Aurelino Leal. Porém, não obteve o resultado esperado.

A *Gazeta* que se colocara a favor da reação do comissário Rocha e seu amigo Demócrito, que teriam reagido a investida dos jogadores frente a perda de licença. Demonstrou-se surpresa em relação à atitude tomada por Aurelino Leal. Por esta razão, jornal se propõe a detalhar o que havia ocorrido de fato na rua Soares, com o objetivo de chamar a atenção do dr. Aurelino Leal sobre sua decisão em punir o comissário Eduardo Rocha, filho do coronel Joaquim Rocha, quem teve sua casa invadida.

³⁶ Arquivo Nacional.

³⁷ Arquivo Nacional.

³⁸ Arquivo Nacional

(...) Foi no domingo, 4 do corrente, que por ordem do Dr. Osorio de Almeida Filho, e em atenção ás varias reclamações dos moradores da rua Soares, em S. Christóvão, foi prohibido o jogo de “foot-ball” que constituiu o divertimento de uma porção de desoccupados, com flagrante prejuizo das vidraças das casas e das “bitaculas” dos habitantes destas. Esta medida louvável, tomada pela autoridade da 2 auxiliar, foi colher de surpresa os desabusados “foot-ballers”, que, em momento de exacerbação, resolveram assaltar a casa do Sr. Joaquim Rocha e agredil-o, desrespeitando a sua familia, por julgarem-no o principal promotor da medida repressiva. Minutos antes á affectivação deste acto de ousadia, havia sahido da casa assaltada, que é a de seu progenitor, o commissario Eduardo Rocha. Ainda na esquina da rua em questão, á espera de um bond, o commissario Eduardo Rocha assistiu ao avanço dos desclassificados, não trepidando em evitar o desattino. Isto fez o commissario Rocha como faria qualquer de nós e o próprio Dr. Aurelino Leal. A acção do commissario, porém, resumiu-se a debandar o grupo e mandar effectuar por uma praça da policia a prisão do chefe do bando, um tal Arthur Rangel, que se homisiou em casa de uns de seus parentes residentes no n.50 da mesma rua Soares (...)³⁹

Aqui, além do nome das autoridades policiais, o imprenso mencionou pela primeira vez algum dos jogadores, sendo este “um tal Arthur Rangel”. Havia sido Arthur Rangel, o mandante do grupo responsável por cometer atos violentos contra alguém que julgavam ser o responsável pelas atitudes repressivas ao jogo na rua. Como forma de menosprezar os jogadores, a *Gazeta de Notícias* em todas as edições coloca-os como sendo desoccupados, ou seja, homens que não exerciam nenhum tipo de trabalho. A motivação do periódico em detalhar, se concentrou em convencer o então chefe da polícia a respeito de sua errada decisão diante da situação.

Eram os jogadores que precisavam ser punidos, pois estes que vinham proporcionando a desordem e agindo de forma violenta, não os guardas. Essas narrativas sobre a prática do futebol nas ruas, veiculada a tais atitudes violentas, reforçava a ideia de que o jogo praticado de forma errada, em um lugar considerado inapropriado para parte dos moradores, representava um risco. Um perigo não só para quem passava nas ruas ou residia nela, mas também para os próprios jogadores que se entregavam a “vagabundagem”. Ou seja, quanto mais as camadas populares se entregavam a algo considerado ilícito, inapropriado, estas estariam sujeitas a se tornarem também perigosas.

O delegado que para o jornal havia agido de forma correta ao proibir o jogo nas ruas, o então dr. Osorio de Almeida. No ano seguinte ao episódio, aparece sendo criticado pela *Gazeta de Notícias*, sendo cobrado pelo mal policiamento dos guardas civis nas casas de diversões⁴⁰. De acordo com o periódico, os fiscais vinham obtendo dinheiro dos cambistas na porta dos teatros, o que evitavam qualquer atitude contra os mesmos⁴¹. A notícia expunha o conhecimento do então delegado em

³⁹ *Gazeta de Notícias*, 1915, ed. 00104.

⁴⁰ *Gazeta de Notícias*, 1916, 00292.

⁴¹ *Gazeta de Notícias*, 1916, 00292.

relação ao proceder de seus subordinados, pressupondo a parceria do dr. Osorio de Almeida, com os fiscais que vinham lucrando com os cambistas que ficavam localizados na porta dos teatros.

Ou seja, a partir da aproximação entre cambistas, fiscais, incluindo delegados, as casas de diversões conseguiam burlar as ordenanças da própria polícia. Enquanto que, os jogadores na rua Soares se beneficiaram da proximidade com o deputado Nicanor do Nascimento para reivindicar a proibição da prática na rua Soares, outros espaços que também estariam sobre vigilâncias buscavam formas de manter-se em funcionamento. Observa-se então que os indivíduos sujeitos à perseguição, não estavam omissos ao que vinha ocorrendo na cidade.

A relevância que o futebol vinha adquirindo na cidade, faz com que outras questões se apresentem dentro de uma prática que, olhando de forma superficial, parece dispensável. A inserção do futebol na cidade do Rio de Janeiro, foi observado principalmente a partir da perspectiva dos clubes, de ambientes privados, que em suas atas proibiam o acesso ao jogo às camadas populares. Levando em consideração os discursos lineares a respeito do jogo, aparece os clubes do subúrbio que possibilitam a inserção do operário, negro e pobre. E, finalmente, estes mesmos homens conseguiriam ingressar os grandes clubes. Ou seja, a prática só haveria se tornado comum aos populares, a partir da aprovação de outrem.

Porém, a popularização do esporte na cidade não deve ser pensada de forma gradual, ou seja, que sai das elites, chega aos clubes do subúrbio e por fim, às camadas populares no geral. Henrique Sena dos Santos pensando o futebol na cidade de Salvador, pretende destacar a partir do seu artigo, as múltiplas formas pela qual o esporte vai se desenvolver (2012, p. 4). O esporte chega às ruas sem que essas elites, dentro dos seus ambientes esportivos, tenham consentido a presença de populares em seus times. Inclusive, Leonardo Miranda Pereira enfatiza os longos debates que se desenrolam, sobre a presença de clubes heterogêneos na mesma divisão que os grandes clubes da cidade na Liga Metropolitana. O autor cita o caso do Andarahy Football Club, que ao subir a primeira divisão, passa a gerar desconforto nos clubes abastados da cidade, devido a presença de negros e operários no clube suburbano (PEREIRA, 2000, p. 111).

Este incomodo gerado ocorreu em 1916, como mencionado por Leonardo Pereira. Ou seja, no ano em questão, o futebol nas ruas da cidade já vinha sendo considerado uma praga, algo incontrollável fosse entre adultos ou meninos. Logo, o esporte não se populariza por permitirem seu acesso e muito menos ocorre de forma gradual, o jogo está sendo ao mesmo tempo disputado por diferentes grupos sociais. A busca por dificultar a presença de clubes do subúrbio na mesma divisão que os grandes clubes da cidade, demonstram que não havia nenhuma motivação por parte das elites em democratizar o acesso ao jogo.

Logo, as ruas apresentam-se como fundamentais para esses indivíduos, pois ali puderam exercer seu direito ao recente lazer. O jogo praticado nas ruas, aumentara ainda mais a relevância do esporte na cidade, pois passou a integrar ainda mais os indivíduos. Entretanto, é

impossível que um esporte como tal conseguisse passar despercebido nas ruas da cidade. O jogo passa a externar outras questões importantes, que também estão ajudando a conduzir os rumos da cidade. O futebol nas ruas, além de contrariar os sentidos que haviam lhe atribuído, como já destacado. Contrariava as noções de modernidade e civilização, que em muito se pautavam na ideia de ordem e disciplina. Além de, apresentar às disputas por poder na cidade, a partir da interferência de autoridades policiais, políticos e, dos próprios moradores e jogadores, que buscavam se reafirmar na rua Soares.

(...) O sr. Joaquim Rocha, por sua vez, fôra ao districto e obteve o comparecimento ao local do commissario de serviço, Dr. Democrito, que foi quem penetrou na casa em que se refugiára Arthur Rangel, para realizar a prisão. A intervenção do commissario Rocha não foi além do que acabamos de narrar. O que é verdade também, e o que o Dr. Aurelino Leal talvez não saiba, por lhe ter sido propositalmente ocultado, é ter somente Arthur Rangel comparecido á delegacia do districto á noite acompanhado do Sr. Nicanor do Nascimento, e sahido de novo com este mesmo advogado, que acintosamente proclamou alto e bom som, para quem quizesse ouvir, “que o preso não ficaria na policia por ser seu constituinte”. Ora, não é justo que um funcionario – com mais de dez annos de bonns serviços á causa pública, portador de uma fê de officio longa e com atestados honrosissimos do punho dos Drs. Alfredo Pinto, Parreiras Horta, Cid Braune e outras tantas autoridades sob cujas ordens tem servido, venha a ser agora victima, por tramoias do Sr. Nicanor, de uma injustiça que se torna clamorosa, qual seja a das penalidades que o Dr. Chefe de Policia lhe acaba de applicar. E, aproveitando o ensejo, achamos necessário inquerir do motivo que leva o Sr. Nicanor do Nascimento a percorrer assiduamente os cartórios das delegacias policiaes, tudo devassando, sempre na defesa de desoccupados, como no caso presente. O Dr. Chefe de policia, já que tem o interesse de sempre acertar, acertará mais uma vez fazendo tornar sem efeito as suas duas portarias do corrente (...)⁴²

No trecho acima, continuação ainda do caso exposto no dia 14 de abril, parece ficar mais claro o verdadeiro interesse da *Gazeta de Notícias* diante do conflito ocorrido em São Cristóvão. Os conflitos em torno dos sentidos do jogo esteve presente em todo o discurso, em cada momento que o periódico desmerece a prática. No entanto, o principal incômodo do periódico afigura-se estar no envolvimento do sr. Nicanor do Nascimento. Ana Vasconcelos Ottoni enfatiza em sua pesquisa, alguns jornais que utilizavam de assuntos relacionados a crimes na cidade do Rio de Janeiro, com o intuito de atacar ou favorecer candidaturas (2018, p. 229). Entre seus objetos, por exemplo, está a *Gazeta de Notícias* e a preocupação do periódico com determinados acontecimentos na cidade, que tinham por motivação interesses políticos. Logo, o interesse do jornal no caso da rua Soares, se tornaria interessante, por ter entre seus envolvidos um advogado e também deputado.

⁴² *Gazeta de Notícias*, 1915, 00104.

Como a própria notícia expõe, o advogado vinha percorrendo as delegacias, defendendo pessoas que para o jornal, não mereciam tal atenção. A decisão do dr. Aurelino Leal seria consequência da presença do advogado, que teria o influenciado em sua decisão. Somado a *Gazeta*, a revista *A Rua* também menciona o caso da Rua Soares em uma de suas edições, no entanto, com poucos detalhes. Contudo, o enfoque do *Semanário Ilustrado* esteve centrado justamente na relação do advogado e deputado Nicanor do Nascimento, não com a simples prática do futebol nas ruas, mas com um clube que ali estava localizado, o já mencionado *Aventureiro Foot-ball Club*⁴³. A revista expõe esta relação, inclusive, antes de expor que o jogo não se tratava de uma prática ilegítima, mas de um clube de futebol, que possuía licença para ter o jogo executado no campo que estaria localizado na rua.

A falta de preocupação da *Gazeta de Notícias* em expor o clube, a presença de um ambiente esportivo organizado e licenciado, apresenta-se como um elemento importante na tentativa de desmerecer a prática. Concedendo aos reclamantes um maior crédito em relação aos jogadores. No entanto, a presença de torneios na rua demonstra como a prática não fugia das condições estabelecidas pelas autoridades policiais, ou seja, das exigências que os ambientes esportivos precisavam se submeter. Como já destacado, o clube Aventureiro F.C esteve em 1915, participando do Torneio Carioca de Sports Atheléticos, que possuía como integrantes associações esportivas de pequeno porte na cidade. A informação mais antiga sobre o Torneio Carioca é de 1914 e, pela ausência de notícias relacionadas ao campeonato após o ano de 1915, é possível concluir a curta duração do torneio.

Ainda assim, no dia em que o jornal *Gazeta de Notícias* se propõe a narrar a decisão equivocada do sr. Aurelino Leal. O periódico *O Imparcial* retrata o *match* disputado entre o Aventureiro FC e o SC Humaytá, realizado quatro dias antes⁴⁴. Esses jogos apresentam o clube como uma associação organizada, tão organizada que chegou a ser aceito para disputar a segunda divisão da Liga Suburbana de Football em 1917⁴⁵. Como menciona Glauco Costa, a Liga Suburbana se apresentou como responsável por chamar a atenção da imprensa para as disputas que vinham ocorrendo tanto no subúrbio como nos arrabaldes da cidade (2018, p. 84). A entidade, juntamente, com a Liga Metropolitana e a Associação Athletica Suburbana, representavam as três principais ligas da capital federal (KUPPER, 2022, p. 66).

Essas entidades que se estendem pela cidade do Rio de Janeiro, incorporando clubes de bairros distintos, serviam não apenas para empolgar os moradores dessas regiões. Pois, como destaca a *Gazeta de Notícias* referente a criação da Liga Suburbana, “adiantam-se bastante nos subúrbios o entusiasmo e animação pelos jogos athleticos”. Mas também impulsionavam a prática entre jovens e adultos que não se encontravam dentro desses ambientes esportivos. Entretanto, permanecer nessas entidades não se apresentava como uma tarefa fácil,

⁴³ A Rua: Semanario Ilustrado, 1915, ed.00101

⁴⁴ O Imparcial, 1915. Ed. 00833

⁴⁵ Gazeta de Notícias, 1917, ed.00111

pois ficava sobre responsabilidade dos clubes arcar com as despesas que um *match* produzia. Além disso, o pertencimento dos clubes suburbanos nas Ligas, mesmo sendo essa a Liga Metropolitana, não diminuía os estigmas e as representações negativas utilizados para retratá-los (SANTOS, 2013, p. 8).

Mesmo o Aventureiro Football Club demonstrando ser um clube licenciado, tendo permissão para utilizar o campo da rua Soares, teve seu futebol desmerecido pelo jornal. Sua prática passou a ser equiparada ao jogo nas ruas, algo sem qualquer legitimidade diante das autoridades municipais. A disputa de poder que se apresenta em diferentes níveis, faz com que o futebol seja ameaçado e diminuído. Na relação entre os moradores, os que manifestam insatisfação e os jogadores, que também residiam na rua, observa-se um conflito entre a condição do logradouro e o gosto pelo esporte. No que diz respeito ao jornal e a polícia, é a presença do Nicanor do Nascimento que protegia o lazer de parte dos moradores da rua Soares.

O caso é que o Sr. Nicanor, que é protector de um “club” de “football” que apavora os moradores da rua Soares, em S. Christóvão, onde ocupa um terreno baldio, sem pagar impostos e alugueis, vem perseguindo um commissario de policia do 10° districto que, cumprindo o seu dever, ousou desgostar os protegidos daquelle paredro. Hoje, depois de varias peregrinações no Palacio da Policia o paredro do falido P.R.C conseguiu que o commissario Eduardo Franco da Rocha, com exercicio no 10° districto, que ousara arreganhar os dentes para os “sportmen” eleitores do elegante politico, fosse suspenso por 5 dias e, acto continuo, transferido para o 17° districto como castigo, de onde não poderá tornar a fazer cara feia para os protegidos do Sr. Nicanor⁴⁶.

A relação que a *Gazeta de Notícias* pontua entre o político e o jogador, na revista *A Rua* já é tratado de forma mais direta. A partir do periódico, só é possível identificar que a prática do futebol nas ruas, tratava-se de um clube que utilizava seu *ground* para disputar jogos, inclusive, torneios, na última edição da *Gazeta* sobre o conflito. Na última informação, o próprio clube se defende das investidas que o jornal insistiu em fazer em relação aos seus jogadores, chamando-os de desocupados. No entanto, a associação não destaca a relação que o *Semanario Illustrado* insinua haver entre o advogado e o clube. Mesmo assim, é importante não desconsiderar a relação de proximidade. Pois, a presença do deputado demonstra ser crucial para que o jogo não fosse proibido, se estabelece como uma estratégia não apenas por parte do político que precisava de eleitores, mas também dos jogadores que precisam de proteção contra a hostilidade da polícia às práticas populares e aos clubes frequentados por estes.

Recebemos a seguinte carta:

Elmo. Sr. redactor da Gazeta de Noticias. – Saudações muito cordiaes. Relativamente ás considerações que faz esta illustre

⁴⁶ A Rua: Semanario Illustrado, 1915, ed.00101.

redacção sobre a licença concedida ao “Aventureiro Foot-ball Club”, temis a rectificar: 1° - Que a maioria dos moradores da rua Soares que são: João Antonio Silva, rua Soares n.52; João Martins Lourenço, rua Soares n.54; Alice Almeida, rua Soares n.64; Hubino Augusto Pires, rua Soares n.44; Alfredo José Rodrigues, rua Soares, n.50; Carlos de Almeida Bazilio, rua Soares n.46, e não só ella como todos todos os sócios são homens bons e empregados; desafiamos que se cite um só que não o seja; 2° - O terreno todo está á nossa disposição legalmente; 3° - Só se oppunham ao funcionamento do foot-ball a distincta familia do commissario Rocha e seu pai (rua Soares n.60) e a família que mora na casa n.62, amigos íntimos do commissario Rocha. Este se oppõe por motivos particulares; 4° - A atitude do commissario Dr. Democrito foi a mais prudente e cortez; 5°- Nem nós, nem o nosso illustre advogado e amigo Dr. Nicanor do Nascimento teve qualquer intervenção para a remoção e suspensão do Sr. commissario Rocha, que foram actos de pura administração. A local do brilhante jornal de V.S. é o producto de um equívoco que, assim, pedimos a V. S desfazer em bem da verdade, publicando generosamente esta defesa, onde veiu a accusação. De V.S. leitor diário – Aluizio Almeida Bazilio, rua Soares n.46. Negociante á rua XI ns. 98 e 100, Mercado Municipal.

Por fim, é importante observar a defesa que os integrantes do Aventureiro Foot-ball Club irão redigir a *Gazeta de Notícias*. A carta escrita pelo negociante Aluizio Almeida, publicada um dia após a clara manifestação do jornal contra a atitude tomada pelo dr. Aurelino Leal, referente ao jogo na rua Soares. Demonstra a noção sobre o que vinha ocorrendo por parte dos jogadores e sócios dos clubes, sobre as tentativas do imprenso de invalidar o jogo e depreciar os sócios do clube. A partir da manifestação de representantes do clube, percebe-se como grande parte dos integrantes da associação esportiva também moravam na rua Soares. Quando Joaquim Rocha recorre a polícia para banir a prática no logradouro, este o faz por que observa como o jogo havia se tornado aceitável entre os próprios residentes, dificultando-o haver um consenso entre os próprios moradores sobre a impossibilidade de utilizar o *ground* ali localizado.

Com o intuito de defender-se das acusações, o redator da carta faz questão de mencionar que todos são os sócios, são “homens bons e empregados”. Ou seja, utiliza-se de valores colocados em cheque pela *Gazeta de Notícias* para defender a prática entre os sócios. Sidney Chalhoub, por exemplo, ao analisar processos criminais, observa como a estratégia utilizada pelos acusados na tentativa de se defender, girava em torno de se colocarem como um “bom trabalhador” (2012, p. 98). Logo, apropriar-se de aspectos que vinham sendo utilizado pelas autoridades para perseguir, torna-se recorrente entre os alvos de perseguição. Associar a prática de lazer à ausência de emprego, ou seja, a vadiagem, apresentou-se como um recurso importante na tentativa de coibir práticas populares. No caso do *football* foi crucial, principalmente, mediante a ausência de leis voltadas diretamente para a prática.

Quando os sócios do clube se apresentam como trabalhadores, inviabilizam a narrativa do jornal referente aos envolvidos. Aluizio de

Almeida, responsável pela resposta a *Gazeta de Notícias*, não apenas coloca-se como trabalhador, mas evidencia com o que trabalhava e aonde ficava seu estabelecimento. Definir a moradia de cada sócio, também se demonstrou relevante para que as próprias autoridades policiais tivessem consentimento de quem frequentava o clube. Para esses indivíduos, que não pertenciam às elites e residentes de uma região suburbana, havia a necessidade de demonstrar sua ocupação, de esclarecer sua condição dentro da sociedade. Para se afastarem ao máximo das suposições elencadas pelas autoridades, que podiam servir como justificativa para a perseguição.

As associações frequentadas pelas camadas populares viviam sobre a constante ameaça de serem fechadas, justamente, por ser considerado perigosas pelas autoridades. Pois reuniam em um mesmo local indivíduos pertencentes a mesma condição. Logo, a figura do “ilustre” Nicanor do Nascimento permite a continuidade da prática na rua, em seu terreno, que segundo Aluizio de Almeida, era legalizado. Contudo, se uma prática legítima e organizada, apresenta-se como um problema para o ordenamento da rua Soares, quem dirá o futebol praticado nas ruas da cidade. Fora dos ambientes privados, o futebol se estabelece sem estatutos, sem regras que viessem definir quem podia ou não se associar ou, como o jogo deveria ou não ser praticado. Desta forma, passa a contrariar de forma ainda mais incisiva as condutas defendidas por uma elite política e intelectual durante o século XX.

Mas é esta prática que contraria em muito os interesses que permeavam a elite carioca, que se apresentam como importantes na construção de uma nova imagem do futebol. As investidas em retardar o processo de popularização, não foi eficaz para que o jogo aos poucos fosse adquirindo novas características, sendo importantes, inclusive, para alguns clubes. O cronista Mario Filho, por exemplo, em seu livro “O negro no futebol brasileiro”, menciona a prática do futebol nas redondezas de Bangu. A prática causava incômodo ao padre Frota Pessoa, que de acordo com o autor, atrapalhava o andar da missa⁴⁷. Além disto, o cronista ressalta a importância da difusão da prática entre os meninos, pois, cada bola que ultrapassava os muros da fábrica e ia para as ruas, não representavam uma perda, mas uma troca “as bolas não voltariam mais, em troca, porém, viriam mais jogadores para o time, mais operários para a fábrica”⁴⁸. Até que ponto é verídico tal narrativa, é difícil dizer. Entretanto, é possível identificar um padre Frota, responsável pela realização de missas na região de Bangu⁴⁹.

Ou seja, quanto mais o jogo ia se popularizando, os clubes suburbanos também se viam beneficiados, pois se apresentavam talentosos. Este talento, no entanto, estava longe de ser algo natural, herdado biologicamente, mas consequência da recorrente execução do futebol em ruas inapropriadas para a prática do lazer. O esporte se consolida na cidade por influência de múltiplos elementos, porém não

⁴⁷ FILHO, Mario. O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Mauad, 2003, ed. 5, 2010, p. 85.

⁴⁸ Ibid., p.86.

⁴⁹ A Época (RJ), 1913, ed. 00219.

ocorre de forma descomplicada. Da mesma forma é a cidade do Rio de Janeiro, que se constrói a partir da influência de diferentes indivíduos. Por mais que, a historiografia aponte para uma elite completamente atuante na busca por estabelecer novos hábitos e condutas na cidade, transformando os espaços e policiando com rigor as camadas populares. Elas não impedem que os menos abastados também participem do processo de construção da cidade.

Conclusão

A prática do futebol nas vias e espaços públicos, permite observar como os sentidos do jogo se encontravam em disputa, assim como, em torno da própria cidade. Evidenciando diferentes indivíduos responsáveis pelo processo de popularização e consolidação do jogo na cidade. À medida que o esporte alcança as ruas, o mesmo passa a atribuir tanto a cidade como ao próprio futebol novos sentidos e novas formas de se usufruir dos espaços. As ruas antes do século XX, eram espaços de sociabilidade das camadas populares, era nos espaços públicos que manifestavam suas práticas de lazer. Contudo, as noções de modernidade sustentada pelas elites cariocas, buscavam introduzir novos hábitos e condutas, tornando proibidas práticas antes permitidas.

Apesar disso, observa-se que isso não impediu que populares introduzissem à cidade as suas próprias percepções. À medida que o futebol se populariza, este passa a ser ressignificado. As camadas populares apresentaram novas formas de praticar “futebol”, contrariando o jogo executado pelos grandes clubes. As narrativas da imprensa em torno do futebol nas ruas, demonstra a insatisfação pela popularização do futebol na cidade, apresenta o esforço dos periódicos em legitimarem através de seus discursos, quais práticas deveriam ou não serem aceitas. Até mesmo, como a cidade deveria ou não ser experienciada.

No entanto, as reações dos indivíduos que insistiam no jogo, às vezes até de forma violenta contra as autoridades policiais, demonstram o quanto a prática havia se tornando comum entre eles. Apresenta as diferentes formas encontradas por jovens e adultos, para resistir as tentativas de coibir o jogo. A figura do sr. Nicanor do Nascimento apresentou-se como fundamental, pois através da relação construída entre jogadores e o deputado, a prática do futebol e o uso da rua, foram legitimadas. Ou seja, os obstáculos direcionados às camadas populares, não limitaram sua contribuição para o futebol e para a cidade.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. “Como é possível ser esportivo?”. In: _____. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.

BORDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas: Editora Unicamp, ed.3, 2012.

HERSCHMANN, Micael & LERNER, Kátia. *Lance de Sorte: O Futebol e o Jogo do Bicho na Belle-Époque Carioca*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1993.

KUPPER, Agnaldo. A Paulatina Afeição ao Futebol no Estado do Rio De Janeiro: do elitismo à popularização (1910-1930). *Revista de História*, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 57-74, fev. 2022.

MAGALHÃES, Felipe dos Santos. *Ganhou, leva ... do vale o impresso ao vale o escrito: uma história social do jogo do bicho no rio de janeiro (1890-1960)*. 2005. 186 f. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

MELO, Victor Andrade de. *Lazer e Minorias Sociais*. São Paulo: IBRASA, 2003.

NEDER, Gizlene. Cidade, Identidade e Exclusão Social. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 106-134, fev. 1997.

OTTONI, Ana Vasconcelos. "O paraíso dos criminosos": imprensa, política e crimes na cidade do Rio de Janeiro durante as eleições do início do século XX. *Crítica Histórica*, Maceió, ano 9, n. 18, p. 220-257, dez. 2018.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SANTOS, Henrique Sena dos. "Desastres materiais, desordens morais": o "football de vagabundos" nas ruas de salvador, 1905-1920. *Recorde: História do Esporte*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 1-26, jun. 2012.

SANTOS JUNIOR, Nei Jorge dos. O futebol suburbano e as inspirações de Lima Barreto: representações e tensões. *Recorde*, Rio de Janeiro, v.12, n.1, 2019.

SANTOS JUNIOR, Nei Jorge. Um jogo de representações: o futebol suburbano nos jornais da cidade do rio de janeiro. *Pensar a Prática*,

[S.L.], v. 16, n. 4, p. 956-1270, 20 dez. 2013. Universidade Federal de Goiás.

SANTOS JUNIOR, Nei Jorge dos. *Vida divertida suburbana: representações, identidades e tensões em um arrabalde chamado bangu (1895-1929)*. 2017. 230 f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SCHWARCZ, Lilia. *Contos completos de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010.

SOUZA, Glauco José Costa. "*adiantam-se bastante nos subúrbios*": o desenvolvimento do futebol na região suburbana do rio de janeiro (1907-1924). 2018. 116 f. Monografia (Especialização) - Curso de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018, p.84.

SOUZA, Glauco. "*O FOOTBALL NÓS PODEMOS JOGAR*". Rio de Janeiro: Recorde, v. 8, n. 2, p.1-28, jul./dez. 2015.

STORCH, Robert D. *O policiamento do Cotidiano na Cidade Vitoriana*. Ver. Bras. de Hist., São Paulo, v.8/9, n.5, 1985.

VOGEL, Arno. *Quando a rua vira casa: a apropriação dos espaços de uso coletivo em um centro de bairro*. EDUFF, 2017.

Recebido em 7 de junho de 2023
Aprovado em 8 de agosto de 2023